

Tipologias textuais literárias e lingüísticas*

Luiz Carlos Travaglia**

Resumo

Neste artigo, discutem-se as interseções entre as tipologias de texto propostas pelos estudos literários e lingüísticos, considerando os aspectos em que os estudos tipológicos dessas duas vertentes convergem e divergem, e como cooperam, ou não, entre si. Observa-se que as compatibilidades e coincidências de posturas epistemológicas são mais importantes que as incompatibilidades.

Palavras-chave: Tipologia de textos; Literatura; Lingüística; Interseções.

A tipologização sempre foi importante nos estudos lingüísticos para a apreensão de classes de elementos com características formais e funcionais iguais ou semelhantes, que permitam uma descrição da língua em bases mais científicas, por meio de generalização de papéis ou funções, regras e/ou regularidades. Os estudos lingüísticos, desde a Antigüidade, tipologizaram fonemas, morfemas, palavras, orações, frases, categorias, flexões etc. No que diz respeito à unidade lingüística “texto”, os estudos literários saíram na frente criando, desde os gregos antigos, com a teoria dos gêneros literários, uma tipologia de textos. Apenas a partir da segunda metade do século XX, quando passou a considerar o texto como um dos seus possíveis objetos de estudo e a tipificação dos mesmos como uma de suas tarefas no estudo textual, a Lingüística começou a estabelecer tipologias de texto e também de discursos. A partir de então, os estudos lingüís-

* Agradeço às Profas. Dras. Enivalda Nunes Freitas e Souza, Joana Luiza Muylaert de Araújo e Neuza Gonçalves Travaglia, e à Profa. Ms. Odete Maria Álvares, da Universidade Federal de Uberlândia, sua leitura da primeira versão deste texto e suas sugestões pertinentes. Possíveis falhas são de minha responsabilidade.

** Universidade Federal de Uberlândia.

tipos de tipologia de texto e discurso se multiplicaram, considerando não só os textos literários (e às vezes até desconsiderando estes), mas o conjunto dos textos correntes em cada sociedade e cultura. Importa-nos saber quais são as relações possíveis entre as tipologias de texto criadas pelos estudos literários e as criadas pelos estudos lingüísticos. São teorias:

- a) que se excluem?, que se conjugam?, que atuam em paralelo?, que se complementam?;
- b) que, distintas, não podem ser conciliadas, ou, embora distintas, podem ser reunidas, inter-relacionadas?;
- c) que são baseadas em critérios e parâmetros aplicáveis a textos tanto literários quanto não-literários?

Enfim, qual é a interseção possível entre as tipologias de texto literárias e lingüísticas? Qual é a sua transdisciplinaridade?

É preciso reconhecer que a questão da relação entre as teorias tipológicas dos estudos literários e dos estudos lingüísticos é simples na sua percepção, mas espinhosa em sua comprovação e evidenciação.

Gostaria, inicialmente, de apresentar dois termos e seus conceitos, que temos proposto dentro do quadro de uma possível teoria tipológica geral de textos, ainda evoluindo em sua elaboração, e que, sendo usados aqui, demandam que se deixe claro o sentido em que estão sendo utilizados.

O primeiro é o termo “elemento tipológico”, que usamos para designar qualquer classificação que uma sociedade e cultura dêem a um texto, tipologizando-o. O elemento tipológico identifica uma classe de textos que têm uma dada caracterização, isto é, um conjunto de características comuns em termos de forma, estrutura, conteúdo, estilo, funções etc., mas distintas das características de outros elementos tipológicos, o que permite diferenciá-los. São exemplos de elementos tipológicos em nossa sociedade e cultura brasileiras:¹ descrição, dissertação, injunção, narração, argumentação *stricto sensu*, predição, romance, novela, conto, fábula, parábola, caso, ata, notícia, mito, lenda, certidão, atestado, ofício, carta, soneto, haicai, ditirambo, ode, acróstico, epitalâmio, prece, tragédia, comédia, farsa, piada, tese, artigo etc. Diversos elementos tipológicos podem ter características comuns, como é o caso de todos os elementos tipológicos de caráter narrativo (por exemplo: romance, conto, novela, fábula, parábola, apólogo, mito, lenda, caso, fofoca, notícia, ata, biografia, piada, conto de fadas, epopéia etc.)² que vão ter em comum características de narração, mesmo que realizadas

¹ Até agora registramos 350 elementos tipológicos na sociedade e cultura brasileiras.

² Como se poderá ver mais adiante, quando se consideram os tipelementos, a narração é um “tipo” enquanto romance, conto, novela, fábula, parábola, apólogo, mito, lenda, caso, fofoca, notícia, ata, biografia etc., são “gêneros” (cf. TRAVAGLIA, 2003 e parágrafo adiante sobre tipelemento).

de diferentes formas. Sempre haverá, todavia, características que permitam distingui-los entre si, distinguindo, por exemplo, um romance de um conto, uma fábula de uma parábola, e assim por diante.

Nosso conceito de elemento tipológico parece que se assemelha em sua essência, pelo menos em nossa interpretação, ao conceito de “gênero” de Tomachevsky (1925, *apud* LIMA, 1983, p. 253), segundo o qual “gêneros são classes particulares de obras”³ e com o conceito de gênero de Bakhtin (1953, *apud* MACHADO, 1999, p. 97), segundo o qual “gêneros de discurso são formas relativamente estáveis de enunciados”, em relação basicamente a três parâmetros:

- a) conteúdo temático (o que pode ser dito pelo gênero);
- b) construção composicional (que tem a ver com as formas de organização composicional, com alguma forma particular de estrutura dos textos pertencentes ao gênero);
- c) estilo (que se relaciona com a escolha de recursos lingüísticos – lexicais, fraseológicos e gramaticais).

A conceituação de gêneros de Bakhtin (1953), salvo engano de nossa parte, foi cunhada num momento de preocupação com os gêneros literários, mas veio a ter enormes conseqüências ou desdobramentos nos estudos lingüísticos.

O segundo termo cujo conceito queremos registrar é o termo “tipelemento”,⁴ com que designamos categorias ou classes de elementos tipológicos, identificando classes de elementos tipológicos de naturezas distintas. Os tipelementos mantêm entre si relações específicas, que devem ser consideradas ao se estruturar e propor tipologias, para não alinhar, num mesmo plano, elementos de naturezas diferentes e distintas. Até o momento, identificamos a existência de três tipelementos a que demos os nomes de:

- 1) tipo – é identificado e se caracteriza por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução segundo perspectivas que podem variar constituindo critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes. São exemplos de tipos:
 - a) texto descritivo, dissertativo, injuntivo, narrativo;
 - b) texto argumentativo *stricto sensu* e argumentativo não-*stricto sensu*;
 - c) texto peditivo e não peditivo;
 - d) texto do mundo comentado e do mundo narrado;
 - e) texto lírico, épico/narrativo e dramático;⁵
- 2) gênero – é identificado e se caracteriza por exercer uma função social específica de natureza comunicativa. São exemplos de gêneros: romance,

³ O termo “obra” remete à preocupação e à perspectiva literária do autor.

⁴ Para maiores detalhes sobre os tipelementos ver Travaglia (2001 e 2003).

⁵ Isto evidencia que, para nós, o conceito de gênero não é o mesmo proposto pelos estudos literários.

novela, conto, fábula, apólogo, parábola, mito, lenda, caso, biografia, piada, notícia, certidão, atestado, mandado, procuração, artigo, tese, dissertação, resenha, tragédia, comédia, drama, farsa, auto, esquete, edital, convite, prece, oratório (sermão, discurso etc.), didático, contrato, correspondência;

3) espécie – é identificada e se caracteriza por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura) e da superfície lingüística e/ou por aspectos de conteúdo. São exemplos de espécies:

a) história e não-história (espécies do tipo narrativo);

b) textos em prosa e textos em verso;

c) históricos, psicológicos, regionalistas, indianistas, fantásticos, de ficção científica, de capa e espada, policiais, eróticos etc. (para romances ou contos);

d) carta, telegrama, ofício, memorando, bilhete etc. (espécies do gênero correspondência);

e) epitalâmio, ditirambo, elegia, écloga, idílio, acróstico, soneto, balada, haicai (espécies do tipo lírico).

Dito isso, gostaríamos de passar ao comentário de alguns pontos que parecem interessantes na relação entre estudos tipológicos lingüísticos e literários.

Acreditamos não haver qualquer incompatibilidade entre as teorias tipológicas dos estudos literários e as dos estudos lingüísticos, porque todas têm que responder às mesmas questões. Estas não precisam ser trabalhadas na ordem que as apresentamos a seguir, mesmo porque, geralmente, o que se tem é o pensar simultâneo sobre as quatro, dada a sua inextricabilidade:

a) a primeira questão é se realmente existem elementos tipológicos, ou seja, classes de textos que compartilham características comuns estabelecidas num intertexto e que fazem dessa classe de textos uma realidade empírica, com um funcionamento discursivo específico, com propriedades e possibilidades comunicativas comuns, dentro de um tipo de situação de atividade social, num momento histórico. De modos diferentes e por razões diferentes, podemos encontrar teóricos das duas áreas, que questionaram se realmente existem elementos tipológicos. Lembremos aqui, apenas para exemplo, o questionamento de muitos teóricos da literatura sobre o valor para a Literatura da teoria dos gêneros com o primado da individualidade das obras e a contraposição dos que perguntam se não é preciso teorizar propondo gêneros, para ter parâmetros, mesmo que seja para dizer como um texto/obra não se atém ao que se esperava dele como pertencente a um gênero;

b) uma vez aceita a existência de elementos tipológicos, a questão a respon-

der é como cada um deles deve ser caracterizado, o que caracteriza cada elemento tipológico em termos de forma, conteúdo e função ou outros parâmetros que se julguem pertinentes;

- c) a terceira questão a ser resolvida é se os elementos tipológicos identificados e caracterizados são ou não da mesma natureza e como podem e/ou devem ser relacionados na organização de tipologias. É esta tarefa que levou a teoria literária a distinguir entre os gêneros e suas espécies ou modalidades, fez com que Travaglia (2003) propusesse a existência de tipelementos e distinguisse tipo de gênero e de espécie, e que outros lingüistas diferenciassem tipo de gênero (cf. MARCUSCHI, 2002);⁶
- d) finalmente, temos a questão e a tarefa de organizar e propor tipologias para fins diversos de estudo ou aplicação (como ao ensino de línguas, por exemplo), segundo critérios e parâmetros propostos ou a serem identificados a partir de tipologização corrente numa sociedade e cultura.

Portanto, o que se pode dizer é que as duas linhas de estudo de tipologização de textos são complementares. Na verdade, como nesta questão os estudos literários saíram na frente, os estudos lingüísticos beberam em suas fontes e, por uma espécie de filiação, muito do que se tem na Lingüística é de lavra dos estudos literários ou fruto de reflexão feita a partir do que já tinha sido proposto por vários deles. Incompatibilidades, quando ocorrem, se devem mais às características da teorização proposta do que à linhagem da proposta, sendo comum que duas teorias lingüísticas ou duas teorias literárias se oponham, enquanto teorias dos estudos literários se aproximam de teorias lingüísticas no seu modo de ver um mesmo fato.

A evolução do pensamento sobre elementos tipológicos, nos estudos literários e lingüísticos, nos séculos XX e XXI, parece ser paralela de tal modo que, para as duas linhas de estudo, os elementos tipológicos tendem, na atualidade, a ter uma abordagem sociohistórica. É por essa perspectiva que, para as duas linhas de estudo os elementos tipológicos (para alguns os gêneros):

- a) são vistos, hoje, não como um sistema constante, imutável, fazendo com que sua caracterização seja uma constante função histórica (cf. LIMA, 1983, p. 252);
- b) constituem-se e têm validade de funcionamento dentro de uma sociedade e cultura, mais especificamente, dentro de uma comunidade discursiva. Daí o que funciona como um elemento tipológico em uma sociedade

⁶ Embora, com freqüência, nos estudos tipológicos, os itens lexicais usados sejam os mesmos (tipo, gênero, espécie, subtipo, modalidade etc.) é preciso maior atenção aos conceitos que esses itens representam para cada teoria e estudioso do que ao item lexical em si, evitando-se dessa forma desencontros desnecessários.

e comunidade discursiva não tem validade em outra, enquanto instrumento de atividade e ação social, em determinado tipo de situação ou área de atuação (religiosa, acadêmica, jurídica, de Estado e suas funções, artística, médica ou de saúde etc.). Tende-se hoje a considerar como literário não algo que atende a padrões universais pré-estabelecidos, mas o que é visto como literatura, como arte, em uma dada sociedade e cultura.

Ainda são interseções entre as duas linhas de estudo:

- 1) a idéia de elementos fundamentais que se realizam diversamente em cada obra (Literatura) ou em cada situação de enunciação (Lingüística) ou que se combinam na composição de diferentes elementos tipológicos (cf. LIMA, 1983, p. 257-261, a posição de vários estudiosos da Literatura sobre esta questão e, ainda, ADAM, 1993, MARCUSCHI, 2002 e TRAVAGLIA, 2002, 2003);
- 2) as duas linhas teóricas admitem a não pureza dos textos/obras empíricas, em relação a elementos tipológicos, o que significa dizer que diferentes elementos tipológicos se conjugam na constituição dos textos;
- 3) devido à conjugação de elementos tipológicos, as duas linhas de estudo contemplam a idéia de dominância na realização de cada obra/texto empírico (cf. FRYE, 1957 *apud* LIMA, 1983, p. 262 para 263), o que define o elemento tipológico a cuja classe se diz que um texto pertence;
- 4) tanto os estudos lingüísticos quanto os literários, atualmente, acreditam que se tem de trabalhar a questão dos elementos tipológicos, seja para a caracterização, seja para o julgamento de boa formação ou para os julgamentos de valoração, levando em conta tanto a produção dos textos/obras, quanto a recepção dos mesmos. Como diz Jauss (1970, *apud* LIMA 1983, p. 268) “... toda obra literária pertence a um gênero, o que implica afirmar pura e simplesmente que toda obra supõe o horizonte de uma expectativa, ou seja um conjunto de regras preexistentes para orientar a compreensão do leitor (do público) e permitir-lhe uma recepção apreciativa”. Para Lima (1983, p. 268), “o gênero (...) forma a camada de redundância necessária para que o receptor tenha condições de receber e dar lugar a uma certa obra”. *Mutatis mutandis*, a Lingüística diz o mesmo para qualquer texto e considera o conhecimento ou intimidade com os elementos tipológicos uma condição para a adequada recepção e compreensão dos textos.

Evidentemente, a interseção básica entre os estudos tipológicos literários e lingüísticos não pode ser esquecida: o objeto é o texto/obra.

Acreditamos que uma diferença básica entre as duas linhas de estudo de tipologização textual está no seguinte:

- a) a Teoria Literária é mais preocupada com a caracterização dos elementos tipológicos (gêneros e espécies) que representam arte, que têm uma dimensão estética, daí surgirem muito freqüentemente tanto um viés normativo (como é a boa, a grande obra de arte literária), quanto um viés valorativo em função da Crítica Literária. O viés normativo, embora minimizado no discurso dos estudos literários, ainda permanece pelo menos nos manuais de teoria literária e como conseqüência da valoração da crítica;
- b) já a Lingüística se preocupa com qualquer texto oral ou escrito que pode ser visto como membro de uma classe de textos e com a caracterização dessa classe, sem preocupação normativa ou valorativa, mas, sem dúvida, com preocupações sobre como o pertencimento dos textos a diferentes classes (elementos tipológicos) pode afetar a competência do usuário da língua para a produção e compreensão de textos, o que pode, em perspectivas didáticas, gerar posturas normativas e de valoração, mas não sob a perspectiva de valor estético, de valor artístico.

Evidentemente, parece que nascem, dessa diferença, aproximações e afastamentos entre as duas linhas de estudo, cuja existência nem sempre estamos aptos a identificar, reconhecer e aceitar.

Dessa forma, podemos lembrar alguns pontos de distinção entre os estudos literários e os estudos lingüísticos:

- a) os estudos literários se preocupam apenas com a linguagem literária, enquanto os estudos lingüísticos se preocupam com a linguagem em geral, inclusive a literária e a ordinária. Desse modo, os textos que os estudos literários tipologizam são apenas as obras literárias, ao passo que os estudos lingüísticos procuram, pelo menos em princípio, trabalhar com a tipologização de todos os textos correntes em uma sociedade e cultura. Dizemos em princípio, porque os estudos lingüísticos até o momento ficaram restritos aos elementos tipológicos já tratados pela tradição literária e a elementos tipológicos de algumas áreas;
- b) como conseqüência desse primeiro ponto, os estudos literários (pelo menos os de linha formalista e estruturalista) podem ver como específicas do literário características que, na realidade, são gerais na língua para os textos de uma mesma natureza, em diferentes comunidades discursivas e áreas de ação social. Podemos lembrar aqui o caso das características da narratividade e da superestrutura dos textos narrativos, que não são exclusivas de obras literárias (romances, contos, novelas, crônicas narrativas, apólogos, fábulas, epopéias etc.), mas se aplicam a qualquer texto narrativo (tais como os casos, fofocas, histórias folclóricas, pará-

bolas, contos de fada, piadas, atas, biografias, notícias, mitos, lendas, autos jurídicos etc.). Conforme propusemos em Travaglia (1991, 2001 e 2003), a narração é um tipelemento da natureza do tipo, por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução, segundo a perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/acontecer ou quanto ao conhecer/saber, e sua inserção ou não no tempo e/ou no espaço. A narração se caracteriza por seu produtor se colocar na perspectiva do fazer/acontecer inserido no tempo, com o objetivo de contar, de dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos esses como os episódios, a ação em sua ocorrência. Isso coloca o interlocutor/recebedor do texto como o assistente, o espectador não participante, que apenas toma conhecimento, se inteira do(s) episódio(s) ocorrido(s).

No que diz respeito à inserção no tempo deve-se considerar: a) o tempo referencial (o tempo da ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica) em relação ao qual a narração é caracterizada pela não-simultaneidade das situações, portanto pela sucessão das mesmas; b) o tempo da enunciação (o momento da produção/recepção do texto), que na narração pode, ou não, coincidir com o referencial, podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior ao referencial – o que nos dá respectivamente narrações passadas (as mais freqüentes), presentes (menos freqüentes) e futuras (raras e geralmente não-histórias). Essas propriedades da narração têm que ser realizadas por recursos lingüísticos de inserção no tempo e de seqüenciação de situações (cf. TRAVAGLIA, 1991). Há também as características relativas aos personagens e seus modos de ser, bem como as relativas à necessidade de cenário.

O texto narrativo tem também uma superestrutura. Vários autores propuseram superestruturas narrativas dentro dos estudos literários e lingüísticos. Nos estudos lingüísticos temos, por exemplo: Adam (1985) que aborda a superestrutura da narrativa em geral; Bastos (1985) que enfoca a superestrutura de narrativas infantis; Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), que estudam a superestrutura das narrativas orais de linguagem consuetudinária; Van Dijk (1983, p. 153-158) que se preocupa com a superestrutura das narrativas do dia-a-dia; Van Dijk (1986), que se volta para a superestrutura das notícias de jornal e Dijk (1990). Nos estudos literários lembramo-nos de Larivaille (1974), que não só investiga a superestrutura da narração em geral, como a do conto, de um modo especial, e Moisés (1973) que fala da superestrutura do conto, da novela e do romance.⁷

⁷ Mesmo que os estudos literários considerem que as obras (textos particulares, específicos) subvertem os modelos e façam uma abordagem intrínseca, desvalorizando o de fora para dentro, o modelo, essa discussão e a análise dos textos parecem sempre ter que partir dum parâmetro básico para dado gênero (Literatura) ou elemento tipológico (Lingüística). A originalidade total seria instauradora de algo novo que teria que ser descrito para ser discutido.

Tanto os trabalhos dos estudos lingüísticos quanto os dos estudos literários propõem as mesmas categorias para a superestrutura narrativa, evidentemente com variação terminológica, e também de categorias não-obrigatórias, que se realizam, ou não, conforme a variedade de narrativa. É a partir da constatação desse fato que Travaglia (1991) propõe um esquema de superestrutura narrativa que se aplica a qualquer variedade de narrativa da espécie história (cf. Anexo 1), considerando que só seriam obrigatórias as categorias da complicação e da resolução.

Assim, a perspectiva da Lingüística de trabalhar com a língua em sua heterogeneidade, observando o que acontece em todas as variedades e não apenas na língua culta literária (interesse ou objeto dos estudos literários), permite-lhe perceber melhor o que é próprio ou não de determinado elemento tipológico.

Uma outra distinção que julgamos importante entre as duas linhas de estudo é que os estudos literários, quando tratam do texto/obra particular (pertencente evidentemente a um dado elemento tipológico), geram uma análise com finalidades de crítica, enquanto os estudos lingüísticos geram uma análise que mostra o funcionamento discursivo daquele texto. Já quando tratam do conjunto de textos de um dado elemento tipológico e das relações entre tais classes de textos, tanto os estudos literários quanto os lingüísticos geram uma teorização que pode configurar uma poética, ou elementos de teoria literária para os estudos literários e uma teoria tipológica textual para os estudos lingüísticos.

Como se pode ver, os estudos tipológicos do texto de caráter lingüístico, nascidos após os literários e neles freqüentemente inspirados, fazem um deslocamento epistemológico, ao buscar verificar o funcionamento de tipos de textos não só em situações de literariedade,⁸ mas também em outros campos, preocupando-se mais com o como a interação acontece por meio dos diferentes elementos tipológicos e como o texto se realiza para funcionar como instrumento de interação comunicativa. Se os estudos literários se preocupam com o levantamento do que é estilo geral, social, em oposição ao que é estilo individual, valorando as obras/textos, os estudos lingüísticos se preocupam com o que é caráter geral de funcionamento da língua e com o que é funcionamento particular de uma situação de interação, mas não com o estilo (conjunto de traços recorrentes) de algo ou alguém, e sim, apenas, com a descrição da língua, embora seja freqüente nos estudos lingüísticos o uso de exemplos literários (cf., por exemplo, ADAM, 1993, quando fala de narração e descrição).

⁸ O conceito de literariedade, do que é literário, é um conceito muito fluido, que não só tem variado com o tempo, mas também tem sido muito discutido e freqüentemente contestado, desde Bakhtin e hoje com a teoria da recepção. Todavia, apesar de tudo, permanece como uma referência em cada sociedade e cultura.

Os dois campos têm, todavia, desafios semelhantes a enfrentar. Se os estudos literários criaram, por exemplo, uma poética a respeito das espécies do gênero lírico, tradicionalmente cultivadas, não estabeleceram qualquer tipologização mais estruturada do que se convencionou chamar de “poemas modernos”, que não se encaixam na caracterização de nenhuma das classes de elementos tipológicos tradicionalmente consideradas. Do mesmo modo, os estudos lingüísticos até agora trabalharam com um elenco muito reduzido de elementos tipológicos. Creio que cabe aos dois campos realizarem um trabalho conjunto que, minimamente, teria que dar conta das seguintes tarefas:

- 1) levantar o elenco de todos os elementos tipológicos correntes em uma sociedade e cultura (interessa-nos, mais especificamente, a de Língua Portuguesa do Brasil);
- 2) buscar descobrir se todos esses elementos tipológicos são de uma só natureza, ou se pertencem a classes distintas de elementos tipológicos que temos denominado de tipelementos, uma vez que acreditamos que tais classes existem, para os quais já propusemos a existência de pelo menos três (tipos, gêneros e espécies);
- 3) verificar quais as inter-relações possíveis entre os elementos tipológicos, entre os tipelementos, bem como entre elementos tipológicos, de um lado, e tipelementos, de outro;
- 4) caracterizar elementos tipológicos e tipelementos, por meio de parâmetros ou critérios claramente postos e definidos, inclusive em suas inter-relações, considerando:
 - a) aspectos de conteúdo temático;
 - b) forma, tanto em termos de estruturas, quanto de superfície lingüística, tendo em vista como recursos lingüísticos realizam propriedades de elementos tipológicos e/ou tipelementos;
 - c) estilo, quando for o caso;
 - d) e aspectos ligados a outras dimensões pertinentes para essa caracterização, como o aspecto pragmático, por exemplo;
- 5) a partir daí construir tipologias e teorias tipológicas mais abrangentes, que permitam falar com segurança:
 - a) do que é ou não específico de um texto ou de um autor ou de uma situação qualquer de interação comunicativa, por meio de um texto pertencente a um dado elemento tipológico e/ou tipelemento;
 - b) do que é específico de um dado campo de ação social pela língua, como sempre interessou aos estudos literários, ao buscar caracterizar a literariedade, e pode interessar a outros campos, e do que é comum a elementos e campos de ação de que ainda se cogitavam.

Parece que essas tarefas configuram um trabalho transdisciplinar, interdisciplinar, pleno de interseções, de que os estudiosos da literatura e da língua em geral, ou seja, de que os estudos literários e os estudos lingüísticos não podem escapar e que nem podem ignorar, se quiserem atuar com alguma honestidade científico-epistemológica.

Résumé

Dans cet article sont discutées les intersections entre les typologies des textes proposés par les études littéraires et linguistiques. On considère les points où les études typologiques de ces deux courants convergent et où elles divergent et comment elles coopèrent les unes avec les autres. Il faut remarquer que les compatibilités et les coïncidences de postures épistémologiques sont plus importantes que les incompatibilités.

Mots-clé: Typologie de textes; Literature; Linguistique; Intersections.

Referências

- ADAM, Jean Michel. Quels types de textes? In: **Le Français Dans Le Monde**, Paris, Hachette-Larousse, n. 192, abr. 1985. (*apud* KOCH; FÁVERO, 1987)
- ADAM, Jean Michel. **Les textes**: types et prototypes – récit, description, argumentation, explication et dialogue. Paris: Nathan, 1993.
- BASTOS, Lúcia Kopschitz Xavier. **Coesão e coerência em narrativas escolares escritas**. Campinas: Unicamp, [1985].
- BAKHTIN, Mikhail (1953). Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Francês de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 275-326.
- LABOV, Willian. The transformation of experience in narrative syntax. In: **Language in the inner city**: studies in the black English vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. p. 354-396.
- LABOV, Willian; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Ed.). **Essays on the verbal and visual arts**. Washington: Washington University Press, 1967. p. 12-44.
- LARIVAILLE, Paul. L'analyse (morpho)logique du récit. In: **Poétique**, Paris, n. 19. p. 369-388, 1974. (*apud* BASTOS,1985)
- LIMA, Luiz Costa. A questão dos gêneros. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 1, p. 237-274.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. 1991. Tese (doutorado) – IEL/Unicamp.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos de textos. In: **Estudos Lingüísticos XXX**, p. 1-6, 2001. (Revista Publicada em CD-ROM: artigo 200).

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino de língua materna. In: BASTOS, Neusa Maria Oliveira Barbosa (Org.). **Língua portuguesa: uma visão em mosaico**. São Paulo: Educ/PUC-SP, 2002. p. 201-214.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes *et al.* (Org.). **Língua portuguesa e ensino**. São Paulo: Cortez/Educ, 2003. (No prelo)

VAN DIJK, Teun A. **La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario**. Buenos Aires/Barcelona: Paidós, 1983.

VAN DIJK, Teun A. News schemata. In: COOPER, Charles R.; GREENBAUM, Sidney (Eds.). **Studying writing: linguistic approaches**. London/Beverly Hills/New Delhi: Sage Publications, 1986. p. 155-185.

VAN DIJK, Teun A. Curso LL148: **Tipologia do texto**. Campinas: IEL/Unicamp, março de 1990. (Notas pessoais)

ANEXO I

